

Entre penitenciária e centro de educação: significados do cotidiano

*Maria de Fátima F. Martins Catão**

RESUMO. Esta pesquisa trata dos significados das práticas sociais no cotidiano das instituições penais. Participaram desta pesquisa 80 atores sociais, 30 adultos detentos, 10 funcionários em penitenciária; 30 adolescentes detentos e 10 funcionários em centro de educação. Os resultados indicam que os significados das práticas sociais institucionais, configurados pelos detentos e equipe técnica e de apoio, situam-se entre duas categorias: práticas sociais desarticuladas da construção do projeto de vida e práticas sociais articuladas à construção do projeto de vida.

Palavras-chave: Práticas sociais. Instituições penais. Projeto de vida.

Introdução

Os indivíduos em conflito com a lei, reclusos em centros de educação e penitenciárias, são compreendidos, em sua grande maioria, como produtos dos sistemas macro e micros sociais, pelo abandono afetivo, pelo desemprego, pela pobreza, pela falta de acesso à educação, à qualidade de vida adequada de saúde, alimentação, habitação e lazer, pelas exclusões vivenciadas, pela posição ocupada na divisão social do trabalho e pela indefinição em torno de seus projetos de vida e de seus espaços como cidadãos. Ao mesmo tempo, com igual peso, são percebidos como ameaça cada vez mais ostensiva à ordem social, pelos delitos causados, pelos atos agressivos destrutivos, pela violência em relação a si mesmo, ao outro e à sociedade, comportamentos característicos de sua condição de excluídos.

* Pós-Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba.

Dessa maneira, acabam por ser incluídos no contexto social pela própria exclusão.

A tomada de consciência e o convívio com tais relações, principalmente enquanto cidadã e profissional, têm instigado esta pesquisadora, cada vez mais, a refletir sobre os significados do cotidiano das instituições penais, elaborados pelos reclusos em conflito com a lei e pela equipe técnica e de apoio, sobre as práticas sociais e a construção do projeto de vida, enquanto configuradores da exclusão/inclusão social desta população.

O contexto institucional penal e os atores sociais que compartilham esse contexto são impulsionadores do estudo em questão, isto é, os adolescentes e adultos em conflito com a lei, as equipes técnicas e de apoio nos centros de educação e nas penitenciárias. Busca-se compreender os significados do cotidiano destes contextos, a partir das práticas sociais experienciadas pelos atores postos.

Considera-se relevante o desenvolvimento desta pesquisa, de forma a contribuir com o aprofundamento de reflexões em função do propósito, cada vez mais acentuado, que se verifica na sociedade atual, no sentido de se promover, enquanto práticas sociais nas instituições penais, as condições psicossociais necessárias para a construção de projetos de vida, enquanto cidadãos, dos atores em reclusão. O interesse por esta temática se justifica por vários aspectos, como o da existência de um mundo cultural penal que precisa ser conhecido ou que se tem interesse em conhecer, a partir de descrições do real cultural nos significados configurados pelos que compartilham essa realidade, é fazer falar o mundo, o contexto penal pelos que vivenciam no cotidiano. Esta análise é propiciadora do saber a respeito das orientações de comunicações e condutas, estimuladora de práticas sociais e indicadora de respaldos na implementação de políticas públicas de inclusão social.

Ressalta-se também a contribuição desta pesquisa, no sentido de incorporar à subjetividade para pensar os lados sociais pela dimensão subjetiva, compreendendo que a luta contra a exclusão e a configuração de práticas sociais e construção do projeto de vida é psicossocial. Refletir os aspectos

psicossociais das práticas sociais em instituições penais favorece pensar a subjetividade como fator histórico, propiciando participar do debate capaz de romper a cisão clássica entre o indivíduo/sociedade e subjetividade/objetividade.

Entende-se que este é um compromisso político social e também acadêmico/científico com a realidade social, direitos humanos e qualidade de vida, no sentido de apontar e refletir sobre essas questões, que têm consequências inestimáveis para a sociedade, tanto no retorno dos excluídos sociais em espaços de reclusão para o convívio no contexto social, quanto para os próprios indivíduos de forma geral na tomada e retomada dos espaços sociais como cidadãos.

1 - Instituições penais e prática sociais: significados do cotidiano

Os primeiros contatos da pesquisadora com a população reclusa e com a problemática das instituições penais ocorreram, em 1992, durante a realização de supervisão de estágio e monografia nos presídios situados nos bairros de Roger e de Mangabeira, na cidade de João Pessoa (Brasil). Ao lidar com estes espaços de reclusão e populações de excluídos sociais, a autora deparou-se com vários questionamentos, entre os quais se destacam os seguintes: que pensam os excluídos em penitenciárias e centros de reeducação sobre suas vidas? Que pensam sobre as práticas institucionais? Que gostariam de ser, de fazer e de ter? Que significados são por eles produzidas com relação ao cotidiano institucional?

As instituições formam a trama social que unem e atravessam os indivíduos, os quais por meio de sua prática mantêm estas instituições e criam outras, elas têm cara escondida, oculta e essa ocultação é produto da repressão. As instituições são normas, estas porém incluem também as formas em que os coletivos concordam, ou não, em participar destas normas, seu conteúdo está formado pela articulação entre a ação histórica dos indivíduos, dos grupos, das coletividades de uma parte e por outra as normas sociais já existentes. Elas

atravessam todos os níveis dos conjuntos humanos e formam parte da estrutura simbólica dos coletivos. (LOURAU, 1977; CATÃO, 2001). O conceito de instituição difere do de organização ou de estabelecimento, formulado por Ardoino e Lourau (1994). Para estes autores, "Os estabelecimentos ou organizações são os muros, os locais [...] são ainda as estruturas, a hierarquia, os horários, as regras"(p. 27).

Compreendemos, assim, as instituições, como um conjunto de práticas sociais, que, em sua particularidade, existem pela ação dos que cotidianamente a fazem e pelo reconhecimento deste fazer, são delineadoras de mudanças, bem como formadoras de significados. Conforme a Lei Federal n. 7.210, de 11 de julho de 1984 e a Lei Estadual n. 5.022, de 14 de abril de 1988, as instituições penais destinam-se aos indivíduos adultos condenados por conduta delituosa e submetidos a medidas de segurança. Quanto ao Centro de educação de adolescente, tem a função de órgão disciplinar e orientador na reintegração e socialização do adolescente com prática de ato infracional.

O estudo dos significados do cotidiano das instituições penais e dos centros de educação, por atores sociais que compartilham estes cotidianos, remete a unidade de análise do comportamento humano capaz de incluir todas as manifestações psicológicas, das mais elementares às mais complexas. Não é apenas questão semântica ou cultural, mas implica na captura dos modos de pensar, de sentir e de agir do ser humano, para a compreensão da vida real do homem, resgatando-lhe a humanidade nas suas condições de existência e na construção deste homem de significados no enfrentamento da realidade. (VIGOTSKY,1999,2000; SAWAIA, 1999; CATÃO, 2001, 2005, 2007).

Os significados são fenômenos do pensamento, construídos ao longo da história dos grupos humanos, com base nas relações dos homens com eles mesmos e com o mundo físico e social em que vivem, estando em constante processo de transformação. Os significados, unidade analítica, capazes de interligar as diferentes funções psicológicas, as quais se

interligam também com o corpo e com a sociedade. O significado é um fenômeno intersubjetivo, portanto, social e histórico, que se traduz em ideologia e em funções psicológicas distintas.

A captura dos significados das práticas sociais, na configuração do projeto de vida dos adolescentes e adultos em reclusão, no cotidiano das instituições penais, não se limita apenas à análise das condições objetivas de vida, mas se caracteriza pela dialética entre a subjetividade e a objetividade, pois é através da reflexão crítica de suas vivências que os indivíduos vêem possibilidade/impossibilidades, de superação de determinada realidade no futuro.

O estudo dos significados das práticas sociais no cotidiano das instituições penais resgata a temática da relação entre práticas sociais e elaborações de representações. (ABRIC, 1994,1996; MOSCOVICI, 2005). As Práticas institucionais como práticas sociais instituídas, podem ser entendidas como norteadoras da formação de significados da vida cotidiana orientadores de condutas atuais e futuras.

2 - Metodologia

A presente pesquisa é de caráter analítico, do tipo etnográfico, com enfoque comparativo, na qual se reflete sobre os significados das práticas sociais no cotidiano das instituições penais.

Como se sabe, a pesquisa etnográfica é forma específica de investigação qualitativa “[...] em forma muito ampla podemos dizer que ela é o estudo da cultura” (TRIVINOS, 1987, p. 121), ela tem por objetivo estudar a cultura descrevendo-a para apreender seus significados. Existe um mundo cultural que precisará ser conhecido, a descrição do real cultural, os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade. Os sujeitos e o investigador têm participação ativa nesse processo, a participação do investigador como etnógrafo envolve-o na vida da comunidade, mas sua ação é disciplinada, orientada por princípios e estratégias gerais.

As instituições pesquisadas foram a Penitenciária Média de Mangabeira, responsável pelo atendimento de adultos masculinos reclusos e o Centro Educacional do Adolescente (CEA), Unidade da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” (FUNDAC), responsável pelo atendimento a adolescentes masculinos infratores, ambos em João Pessoa.

Participam desta pesquisa 80 atores sociais, 60 detentos, sendo 30 deles adolescentes inseridos na medida socioeducativa de semiliberdade; 30 adultos, inseridos no regime de semiliberdade e; além deles, 20 funcionários da equipe técnica e de apoio das referidas instituições.

No caso em tela, o Juiz de Direito, Hitler Cantalice (1998), destaca a saída temporária (regime de semiliberdade), como um benefício da Lei de Execução Penal, o qual foi posto em prática por ele, quando assumiu a Execução Penal da Comarca da capital. “Entre os benefícios catalogados na Lei de Execução Penal destaca-se, sem dúvida, por suas implicações na política de ressocialização do condenado, a chamada Saída Temporária”. (CANTALICE, 1998, p. 3).

Quanto ao instrumento e procedimentos da pesquisa, trabalhou-se com a observação participante, considerada uma das técnicas mais importantes da pesquisa etnográfica. Neste estudo, foram objeto de observação participante as práticas sociais e a construção do projeto de vida dos detentos no cotidiano das instituições penais.

A observação participante foi realizada por um período de quatro meses com visitas semanais às duas instituições penais. Tomou-se como referência de observação e indagação o seguinte roteiro indutivo: práticas sociais e construção do projeto de vida no contexto das instituições pesquisadas.

Quanto à análise do material coletado, optou-se pela técnica de análise de conteúdo categorial temática (BARDIN, 1977; CATÃO, 2001) para análise e inferência de novos conhecimentos a partir dos relatos dos atores sociais. A Análise de Conteúdo tem por objetivo compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente,

as significações explícitas ou ocultas, reduzindo o volume de informações a categorias conceituais ou contextuais.

3 - Resultados e discussão

A análise realizada aponta para os significados das práticas sociais no cotidiano das instituições penais, configurados pelos detentos e equipe técnica e de apoio, na polarização entre duas categorias principais: *Práticas institucionais articuladas à construção do projeto de vida*¹¹⁷ e *Práticas*

¹¹⁷ Estes resultados podem ser observados nas afirmações a seguir:

Adolescentes em conflito com a lei em centro de educação: “[...] com a cerâmica a pessoa já pode arrumar um emprego.[...] cerâmica, é um meio de vida [...]. trabalhando a pessoa fica mais distraída, a cerâmica é uma profissão [...] eu vim pensar em trabalho aqui [...] programar minha vida aqui é mudar lá fora[...] lá fora eu nem sabia que era trabalho”.

Adultos em conflito com a lei em penitenciária: “[...] o meu taxi é meu ganho de vida [...] ganho aqui de um a dois salários mínimos. eu tenho um sítio, planto e trabalho em minha granja [...] cada pessoa tem que escolher o seu trabalho, eu me agrado de jardinagem e de mecânica [...] no Roger eu trabalhei no setor de advocacia [...] trabalho na padaria, trabalhando posso sair daqui mais rápido [...] Tenho, promessa quando sair daqui voltar a trabalhar [...] tem gente que gosta de trabalhar, tem gente que não gosta [...] eu sou chaveiro recebi apoio do banco e agora eu trabalho no meu negócio”.

Equipe técnica e de apoio em centro de educação: “[...] grupos operativos realizados com os adolescentes em semi-liberdade, atividade desenvolvida com filme, dramatização, fundamentada no referencial teórico da auto-ajuda, do desenvolvimento, do movimento do corpo, da conscientização e cidadania.[...] A escola com funcionamento na própria instituição, e as oficinas interna e externa de trabalho, referência nas práticas de formação dos adolescentes [...] Nas oficinas internas conta-se com as atividades de horta, cerâmica, reciclagem de garrafa, mecânica e artes plásticas [...] oficinas externas encontram-se atividades de confecção de vassoura, computação, marcenaria, empalhamento [...] as oficinas externas exigem um nível maior de escolaridade e os adolescentes sentem dificuldade devido à falta de escolaridade”.

Equipe técnica e de apoio em penitenciária: “[...] há possibilidades de trabalho para o detento em regime de semiliberdade: o trabalho interno e o trabalho externo [...] no trabalho interno há atividades na cozinha, almoxarifado, padaria, serviços gerais e serviços na agricultura [...] o convênio com empresas públicas e privadas [...] há a possibilidade do trabalho particular ou autônomo com financiamento [...] O projeto ‘O trabalho Liberta’ abre frentes remuneradas de trabalho para o presidiário, através de convênios com empresas públicas e privadas [...] No trabalho particular ou autônomo o detento pode trabalhar por conta própria, desde que aprovado o seu pedido, a exemplo de motorista de táxi, trabalho em sítio próprio ou colocação de um negócio como é o caso do detento que trabalhava como chaveiro antes daqui e aqui apresentou documentação ao SEBRAE, foi indicado para fazer o curso ‘Como gerenciar um Pequeno Negócio’, em seguida foi orientado para fazer o curso de chaveiro, recebeu o certificado e foi beneficiado pelo Banco com o financiamento para abrir o seu próprio negócio”.

*Institucionais desarticuladas da construção do projeto de vida de adolescentes e adultos em conflito com a lei no cotidiano das instituições penais*¹¹⁸.

¹¹⁸ Estes resultados podem ser observados nos seguintes depoimentos:

Adolescentes em conflito com a lei em centro de educação: “[...] aqui dentro não ensinam a ter projeto [...] aqui dentro faz de conta que morri. tudo que é feito é só para ocupar o tempo. [...] aqui dentro não tem vida [...] era melhor se tivesse mais coisas para fazer [...] aqui deveria ser o trabalho não só como ocupação do tempo [...] eu me sinto mau aqui dentro. [...] quem cria os objetivos lá fora somos nós aqui dentro quem cria os objetivos são eles [...]”.

Adultos em conflito com a lei em penitenciária: “[...] o tipo de trabalho é humilhante, limpar mato. antes eu tinha responsabilidades, quando a gente vem para cá todos ficam iguais [...] desde os 14 anos que tenho uma profissão, de chaveiro, tinha uma identidade e tinha dinheiro para me manter [...] o que acaba com o apenado é não ter um trabalho ligado à profissão. A gente fica aqui limpando mato. Fui educado trabalhando [...] a rotina daqui é uma rotina de covardia. Isso daqui eu chamo vida de escuridão Nesses trabalhos aqui eu me sinto num trabalho humilhante. Às vezes trabalhava quarenta e cinco dias para ganhar noventa reais, e também pelo próprio tipo de trabalho, limpo mato no sol quente, nunca fiz isso, e também sob a fiscalização de alguém [...] Antes eu tinha responsabilidade, quando a gente vem para cá fica tudo igual”.

Equipe técnica e de apoio em centro de educação: “[...] não existe perspectiva de projeto aqui, existem ocupações internas mas sem relação direta com a vida em sociedade [...] falta de autonomia por parte dos técnicos para agir na instituição [...] espaço pequeno de atuação [...] a inoperância da família, da escola e da sociedade que não consegue socializar o adolescente, deve o estado velar pela ordem pública e pela formação moral desses adolescentes”.

Equipe técnica e de apoio em penitenciária: “Entrar no presídio é entrar para a marginalização e não para a reeducação [...] a importância do trabalho na elaboração de imagens positivas [...] há necessidade de informações, palestras que tratem de coisas positivas [...] falta de funcionamento de uma prática de reeducação [...] falta de avaliação psicológica para encaminhamentos, o detento precisa começar a trabalhar desde quando privado de liberdade, em regime fechado”.

Reflexões de Agentes Penitenciários: “Há muita dificuldade na relação com o preso, eles xingam a gente, principalmente os que estão em regime fechado. Os que estão em regime semi-aberto, ou aberto, são mais cuidadosos, porque temem perder o regime. [...] Os presos fechados só mantêm contato com a gente, ninguém vai lá, eles ficam muito agressivos, parecem uns bichos não se humanizam”.

Neste sentido, a pesquisadora debateu com os agentes a respeito das dificuldades encontradas nas relações deles com os presos, indagando se conseguiam vislumbrar alguma forma de resolver os conflitos existentes. Os agentes expressaram o seguinte:

“ Para mim só existe uma, castigando, batendo, não precisava de direitos humanos, de pastoral carcerária.. Eles ficam jogando os presos contra a gente [...] De dez anos para cá os presidiários não são mais os mesmos, muitas rebeliões, os juízes previnem logo a gente que não podemos bater [...]. Faltam condições de trabalho, assistência geral, reuniões, salário, transporte [...]. Muitos agentes não são preparados para tal, são escolhidos e colocados no trabalho sem uma proposta, sem uma preparação [...]. A ação junto ao preso se restringe a um trabalho de manutenção da disciplina [...]. Os presos têm mais condições de vida do que nós, têm mais assistência, são mais valorizados [...]

A análise realizada aponta para duas classes relacionadas entre si, nas quais emergem os significados das práticas sociais no cotidiano das instituições penais, como “práticas sociais desarticuladas da construção do projeto de vida” e “práticas sociais articuladas na construção do projeto de vida”, configuradas por adolescentes e adultos em reclusão e pelas equipes técnicas e de apoio em centro de educação e em penitenciária

3.1 - As práticas sociais articuladas na construção do projeto de vida

As práticas sociais articuladas na construção projeto de vida são configuradas como um processo de viabilização da inclusão social, a oportunidade de ter um lugar social, pelo trabalho e pelo exercício de uma profissão, ou seja, participar, ser incluído socialmente como cidadão. Em um contexto de exclusão, marcado pela desigualdade social e desrespeito às diferenças, ser incluído socialmente pelo trabalho implica melhores condições de vida. Observa-se um posicionamento favorável às práticas sociais articuladas na construção do projeto de vida: “[...] o meu taxi é meu ganho de vida [...] ganho aqui de um a dois salários mínimos. eu tenho um sítio, planto e trabalho em minha granja [...] cada pessoa tem que escolher o seu trabalho, eu me agrado de jardinagem e de mecânica” (adultos reclusos em penitenciária), “[...] com a cerâmica a pessoa já pode arrumar um emprego [...] cerâmica, é um meio de vida (adolescentes reclusos em centro de educação). As práticas sociais com esta característica, delineiam para esses atores um sentido de aproximação com um lugar social.

Reflete-se sobre a intensidade desta classe como via histórica das condições de vida desta população. A intenção de

Os presos têm assistência social, psicológica, médica [...]. Os nossos salários são muito diferenciados, varia de um a seis salários mínimos [...]. Os presos estão fortes porque estão organizados e nós não estamos organizados [...]. Nos sentimos muito inseguros, não temos direito a porte de arma [...]. A imagem que a sociedade tem dos agentes da polícia, de uma forma geral, é muito ruim, negativa. Eu me sinto muito mal com isso, a forma como sou olhado, quando chego num canto e estou fardado”.

transformar a realidade é no sentido de melhorá-la, “programar minha vida aqui é mudar lá fora. [...] lá fora eu nem sabia que era trabalho [...]. Eu vim pensar em trabalho aqui” (adolescentes em centro de educação)

Observa-se a relação estabelecida entre práticas sociais e trabalho no cotidiano das instituições penais, o trabalho não como ocupação do tempo, mas articulado a construção do projeto de vida. Trata-se, pois, de construção que se dá entre o “eu” e o “outro”, essa construção não se limita apenas às condições objetivas de vida, mas se caracteriza na dialética entre a subjetividade e a objetividade, pois é através da reflexão crítica de suas vivências que os indivíduos vêm possibilidade/impossibilidades, de superação de uma determinada realidade no futuro.

No pensar da equipes técnica e de apoio em centro de educação, as práticas sociais são configuradas, como um conjunto de atividades em função da escola e do trabalho, viabilizadores da construção do projeto de vida dos adolescentes. A equipe técnica e de apoio em penitenciária, configura as práticas sociais como mediadoras de inclusão social quando vinculadas ao trabalho objetivo e que já poderia ser inserido nas práticas sociais desde o regime fechado.

3.2 - As práticas sociais desarticuladas da construção do projeto de vida

Os significados das práticas sociais no cotidiano das instituições penais configuram-se para os dois segmentos: reclusos (adolescentes e adultos) e equipes técnicas e de apoio, como algo difícil, sob diversos aspectos. Comparam as práticas sociais com a própria morte, a ausência de vida e de projetos “[...] aqui dentro não ensinam a ter projeto [...] aqui dentro faz de conta que morri [...] aqui dentro não tem vida [...] a rotina daqui é uma rotina de covardia [...] Isso daqui eu chamo vida de escuridão [...] o que acaba com o apenado é não ter um trabalho ligado à profissão. A gente fica aqui limpando mato” (adultos em penitenciária). As práticas sociais quando vinculadas ao trabalho são vistas como mera ocupação do

tempo sem vinculação com a construção do projeto de vida “[...] aqui deveria ser o trabalho não só como ocupação do tempo [...] tudo o que é feito é só para ocupar o tempo [...] aqui dentro não ensinam a ter projetos (adolescentes em centro de educação). Não há participação nos estabelecimentos dos objetivos, expressam os reclusos, “[...] quem cria os objetivos lá fora somos nós aqui dentro quem cria os objetivos são eles” (adolescentes em centro de educação). Observa-se nestas falas, a reflexão crítica no sentido de superação de determinada realidade do cotidiano da instituição penal.

As práticas sociais são configuradas pelos adultos detentos como desumanizadoras, sem articulação com o sujeito na sua condição humana, com perda de identidade pessoal e responsabilidade sobre si “[...] o tipo de trabalho é humilhante, limpar mato,. antes eu tinha responsabilidades, quando a gente vem para cá todos ficam iguais [...] desde os 14 anos que tenho uma profissão, de chaveiro, tinha uma identidade e tinha dinheiro para me manter” (adultos em penitenciária).

Todas essas questões configuram a complexidade atribuída às práticas sociais no cotidiano das instituições penais. As dificuldades são alcançadas de várias formas: das ações institucionais à construção de si, objetivada em torno do sentimento de exclusão social, perda de identidade, perda ou ausência da noção de projeto, sentimento de morte, de escuridão, de ausência de humanização.

Os adolescentes e os adultos em reclusão são sujeitos e ao mesmo tempo objeto das práticas sociais desarticuladas/articuladas da construção do projeto de vida no cotidiano das instituições penais. Em ambientes marcados por questões políticas sociais e econômicas profundas. Espaços que são alvos de discriminação pelo senso comum, cujos atores sociais reclusos são discriminados, são ao mesmo tempo pessoas que que terão ou não acesso a um lugar social como cidadãos, uma posição no mercado de trabalho, um projeto de vida em construção.

A configuração dos significados das práticas sociais articuladas/desarticuladas a construção do projeto de vida no

cotidiano das instituições penais, significa ao mesmo tempo construir a realidade social em que se processam suas condições de produção e de circulação e as experiências vividas pelos grupos na relação com estas práticas, o que provoca a necessidade contínua de reflexão sobre a história e a gênese dos significados das práticas sociais no cotidiano das instituições penais.

Admite-se que os significados configuram três dimensões: informação, afetos e imagem, sendo que essa tridimensionalidade varia de grupo para grupo, em função do grau de assimilação das dimensões relativas ao objeto representacional. Evidencia-se nesta pesquisa a tridimensionalidade dos significados das práticas sociais, observa-se que os dois grupos apresentam conhecimentos/informações semelhantes, ao elaborarem as concepções das práticas sociais como articuladas/desarticuladas da construção do projeto de vida. Verificou-se que os adolescentes e os adultos presos são desfavoráveis às práticas sociais quando desarticuladas da construção do projeto de vida, quando são meras ocupações de tempo, quando desvinculadas dos objetivos pessoais. Por outro lado, eles são favoráveis às práticas sociais no cotidiano das instituições penais, quando articuladas na construção do projeto de vida, nas pretensões e nos objetivos de trabalho, potencializando a possibilidade de inclusão e de acesso a um lugar social.

Dessa maneira, esta pesquisa corrobora trabalhos anteriores realizados por Catão (2001, 2007) e colaboradores na construção do projeto de vida por grupos em processo de exclusão, no que se refere à construção do projeto de vida como possibilidade de inclusão social configurando-se na tríade trabalho, educação e família e as possibilidades/impossibilidades de construção do referido projeto. Como também já analisado pela referida autora nos estudos mencionados, observou-se na pesquisa em epígrafe que não é apenas a vontade pessoal e nem as circunstâncias que fundamentam o projeto. Não é o indivíduo com suas características individuais ou a sociedade com suas

determinações que, separadamente, constroem esse projeto, mas a relação entre todos esses fenômenos. É na relação indivíduo/sociedade que se dá a construção do projeto de vida, na qual o indivíduo interage com o mundo e a alteridade, num processo contínuo e dinâmico de reconstrução de significados

4 - Considerações finais

Entende-se que o referencial teórico construído nesta pesquisa pode propiciar o conhecimento dos significados das práticas sociais no cotidiano das instituições penais, composto por adolescentes e adultos reclusos e pelas equipes técnicas e de apoio em centro de educação e de penitenciárias

Pensa-se que os resultados possam provocar reflexões sobre as políticas públicas de ressocialização, configurações da cultura de inclusão social, da cidadania e das práticas institucionais, possibilitando nesses diferentes contextos institucionais penais, condições que favoreçam a construção de projetos de vida das pessoas.

Between penitentiary and education center: meanings of routine

ABSTRACT: This research deals with the meanings of social practices in the everyday life of penal institutions. In this research 80 social actors, 80 adult convicts, 10 penitentiary workers took part and also 30 adolescent convicts and 10 workers from an education center. The results show that the meanings of institutional social practices configured by the convicts and the supporting and technical team comprise two categories: social practices disarticulated from the construction of the life project and social practices articulated to the construction of the life project.

Keywords: social practices. Penal institutions. Life project.

5 – Referências

ARDOINO, J.; LOURAU, R. *Les Pédagogies institutionnelles*. Paris, PUF, 1994.

ABRIC, J. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: PUF, 1994.

ABRIC, J. (Ed.). *Exclusión social, insertion et prevention*. Paris: PUF, 1996

BARDIN, L. *L'analyse de contenu*. Paris: PUF, 1977.

BRASIL. *Lei n. 8.069/1990 e legislação subsidiária*. Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL. *Lei n. 7210, de 11 de julho de 1984*. (Lei das execuções penais).

CANTALICE, H. O regime de semiliberdade. *Jornal Correio da Paraíba*, João Pessoa.

CATÃO, M. F. *Projeto de vida em construção na exclusão /inserção social*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2001.

_____. Exclusão/Inclusão Social e Direitos Humanos. In: TOSI, G. (Org.). *Direitos Humanos: história, teoria e prática*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2005. p. 321-37.

_____. O que as pessoas pensam da vida e o que desejam nela realizar ?. In: KRUTZEN, E.; VIEIRA, S. (Orgs.). *Psicologia social, clínica e saúde mental*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2007. p. 75-94.

LOURAU, R. *A análise institucional*. Petrópolis: Vozes, 1977.

MOSCOVICI, S. *Pesquisa em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

PARAÍBA. *Lei Estadual n. 5022 de 14 de abril de 1988.*

SAWAIA, B. (Org.). *As artimanhas da Exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade.* Petrópolis: Vozes, 1999.

TRIVINOS, A. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem.* São Paulo: Martins Fontes, 2000.

